



## LINGUAGEM EM FOCO

*Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE*

Nº 2. Ano 2009

# A PRESENÇA DISCURSIVA DO TRADUTOR EM NARRATIVAS MACHADIANAS EM MÚLTIPLAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS

Professora Válmi Hatje-Faggion (Universidade de Brasília - UnB)

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo examinar como a presença discursiva do tradutor está manifesta na narrativa traduzida. A leitura detalhada e comparativa de três traduções para o inglês de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e de duas de *Quincas Borba* de Machado de Assis servirá para exemplificar os três casos apresentados por Theo Hermans (1996), e também para indicar a tendência geral das ocorrências no texto traduzido e o que elas implicam. O interesse maior está nos casos em que há marcas da presença discursiva do tradutor (e não apenas do narrador do texto de partida) no texto que ele produziu e o efeito desta presença para o leitor anglo-americano.

**Palavras-chave:** Tradutor, Estratégias de Tradução, Presença Discursiva, Narrativa Traduzida.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to examine how the translator's discursive presence manifests itself in the translated narrative. A close reading of different translations of the same source text, namely three translations into English of *Memórias póstumas de Brás Cubas* and two of *Quincas Borba* by Joaquim Maria Machado de Assis, the Brazilian novelist, will both illustrate the theoretical issues raised by Theo Hermans (1996) and show the character of each translation and the sort of issues it raises. The interest is not only in those instances where the translated text itself shows visible traces of a discursive presence other than the ostensible narrator, but also on the effect of this presence on the Anglo-American audience.

**Keywords:** Translator, Translation Strategies, Discourse Presence, Translated Narrative.

## Considerações iniciais

As traduções e retraduições de alguns dos romances de Machado de Assis traduzidos e publicados no mundo anglo-americano nos últimos cinquenta anos receberam diversas modificações. Esses textos traduzidos modificados podem revelar não só as opções do tradutor, mas também, as políticas mais gerais consideradas durante a formulação de uma tradução em um outro contexto, para um outro leitor. A presença discursiva do tradutor (e outros agentes institucionais) na narrativa traduzida pode ocorrer de diversas formas. O deslocamento de um texto pertencente a um dado sistema literário para outro pode, por exemplo, sofrer intervenções paratextuais em função do novo leitor que é diferente do leitor do texto de partida já que o novo texto se faz presente em novo contexto pragmático.

De modo geral, e de acordo com Hermans (1996, p. 27), quando se lê uma narrativa o que se lê é o discurso produzido por um narrador. Entretanto, quando se lê uma narrativa traduzida a voz do narrador nem sempre é prontamente rastreada. Hermans ainda destaca que a representação de uma narrativa padrão não faz menção à tradução e que os modelos narratológicos existentes (BOOTH, STANZEL, GENETTE, RIMMON-KENNAN, CHATMAN, PRINCE, BAL) não estabelecem diferenças entre uma narrativa de partida e uma narrativa traduzida.

Entretanto, no caso da ficção traduzida, pode haver uma outra voz que produz o discurso, uma presença que não deve ser subestimada ou ignorada. Uma narrativa traduzida sempre implica mais de uma voz no texto, mais de uma presença discursiva. Ainda que em algumas narrativas esta outra voz possa se manifestar explicitamente ou não, um texto narrativo traduzido sempre contém uma segunda voz à qual Hermans (1996, p. 27) se refere como a voz do tradutor, uma marca de sua presença discursiva.

Segundo Vanderauwera (1985, p. 12), o termo “tradutor” deve se referir a um conjunto de agentes, isto é, ao tradutor, ao editor, à editora e a todos aqueles que contribuem para a produção, formulação e apresentação do texto traduzido. Esses agentes institucionais são os responsáveis pelo produto final publicado.

Para Hermans, no caso da ficção traduzida essa outra voz que produz o discurso, o tradutor, é uma presença que deve ser levada em consideração, já que muitas estratégias de tradução adotadas somente são perceptíveis ao pesquisador. Hermans (1996, p. 28) sugere que há vários graus de visibilidade da presença do tradutor e que a outra voz presente na narrativa traduzida pode se manifestar basicamente em três casos:

- (1) casos em que se considera o leitor implícito e, por isso, sua capacidade de atuar como meio de comunicação.
- (2) Casos de auto-reflexividade e auto-referencialidade envolvendo o próprio meio de comunicação; e
- (3) Casos em que o contexto é determinante. O significado de dado termo empregado está atrelado a um contexto específico.

No primeiro caso, o deslocamento pragmático do texto, em virtude da tradução, requer intervenção paratextual em benefício do leitor implícito/potencial do texto traduzido. Em outras

palavras, um leitor diferente daquele do texto de partida, já que o discurso opera em novo contexto pragmático. Com relação ao segundo caso, Hermans (1996, p. 29), com base em Jacques Derrida, destaca que este caso cobre as várias instâncias que exemplificam a intraduzibilidade. Casos óbvios de intraduzibilidade são os textos que sinalizam que eles foram produzidos em uma dada língua ou que exploram a economia linguística dessa língua através de polissemia, jogo de palavras e mecanismos semelhantes. Em tais situações, a linguagem entra em colapso, ou segundo Derrida, apud Hermans (1996, p. 29) ela se enfatiza e se auto-realiza. O terceiro caso descrito por Hermans refere-se às situações em que um dado termo foi empregado em contexto específico, isto é, o seu significado está atrelado a esse contexto e o tradutor não têm muita opção.

Em cada um desses três casos o grau de visibilidade da presença do tradutor depende tanto da estratégia de tradução adotada, quanto da consistência com que foi empregada. Como muitas estratégias nem sempre são perceptíveis ao leitor em geral, neste estudo, o interesse maior não está nos casos em que o narrador do texto de partida pode ser identificado no texto, mas sim, naqueles casos em que há marcas rastreáveis da presença discursiva do tradutor. De acordo com Hermans (1996, p. 33) há marcadores no texto sugerindo uma outra voz que se insinua no texto, alterando a referência unívoca do narrador induzindo o leitor a ter consciência da natureza plural da narrativa (pluralidade de vozes).

Neste estudo, o interesse maior está nos casos em que há marcas da presença discursiva do tradutor no texto *que ele produziu*. Investiga-se se o grau de visibilidade da presença do tradutor depende das estratégias de tradução adotadas bem como da consistência com que foram empregadas nas reescrituras do romance para novos sistemas literários.

## Exame das narrativas em múltiplas traduções para o inglês

A fim de examinar como a presença discursiva do tradutor está manifesta na narrativa traduzida, isto é, na formulação e apresentação das múltiplas traduções, será efetuada uma leitura detalhada e comparativa de diferentes traduções para o inglês de dois romances de Machado de Assis. Algumas passagens ilustrativas das três traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas* publicadas nos Estados Unidos, Rio de Janeiro e Reino Unido em 1952, 1955, 1997, respectivamente, e de duas de *Quincas Borba* publicadas nos Estados Unidos e Reino Unido em 1954 e 1998, exemplificam os casos apresentados por Hermans e indicam a tendência geral das ocorrências nos textos traduzidos. *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi traduzido por William L. Grossman (1952), E. Percy Ellis (1955) e Gregory Rabassa (1998). As duas traduções de *Quincas Borba* foram elaboradas por Clotilde Wilson (1954) e Gregory Rabassa (1997).

Outras edições da tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* de William L. Grossman (que não serão objeto deste estudo) também foram publicadas em outros lugares e por outras editoras: em São Paulo, pela São Paulo Editores, em 1951, com o título de *The posthumous memoirs of Brás Cubas*; em Londres, com o título de *Epitaph of a small winner* pela W. H. Allen, em 1953, e, com o título de *Epitaph of a small winner*, pela Bloomsbury, em 1997. A editora Bloomsbury também publicou *Quincas Borba*, tradução de Clotilde Wilson, com o título de *Philosopher or dog?*, em 1997.

Os exemplos a seguir ilustram o primeiro caso referente à presença discursiva do tradutor apresentado por Hermans. Neste caso, o deslocamento pragmático do texto, em virtude da tradução, requer intervenção paratextual em benefício do leitor implícito/potencial do texto traduzido. Em outras palavras, um leitor diferente daquele do texto de partida, já que o discurso opera em novo contexto pragmático.

## Exemplo 1

*Quincas Borba*, Capítulo 156,

... Quando as malas da Europa chegavam cedo, Rubião saía de Botafogo, antes do almoço, e corria a esperar os jornais; comprava a *Correspondência de Portugal*, e ia lê-la no Carceler. ... (MACHADO DE ASSIS, p. 156)

... When the European mail arrived early, he would leave Botafogo before lunch, and hurry to await the papers; he would buy the *Correspondencia de Portugal* and go to the Carceler\* to read it. ...

\* *Translator's Note*: The *Carceler* was an elegant restaurant in Rio de Janeiro used as a gathering place by the upper classes. It no longer exists. (WILSON, 1954, p. 206)

... When the mail from Europe arrived early, Rubião would leave Botafogo before breakfast and run to wait for the newspapers. He would buy the *Correspondência de Portugal* and read it right there under the street light ... (RABASSA, 1998, p. 218)

Neste exemplo ocorrem diferenças entre as duas traduções. Com relação ao lugar onde os jornais eram lidos os dois tradutores fazem seleções que evocam imagens diversas. Enquanto Wilson se mantém mais próximo do texto de partida e adiciona uma nota de rodapé, que atualiza a informação, Rabassa remove a palavra “Carceler” e *modifica* o lugar onde Rubião vai ler o jornal; quer dizer, ele iria lê-lo “right there under the street light”, em lugar diferente daquele sugerido por Machado de Assis. A decisão de Wilson beneficia o leitor ao localizá-lo no tempo e no espaço. Note-se que Wilson remove o acento circunflexo em “*Correspondencia*”.

Em outro trecho de *Quincas Borba*, Wilson também acrescenta uma nota de rodapé para atualizar o conteúdo referente à localização geográfica e temporal, isto é, explica o deslocamento histórico e espacial decorrente da tradução, enquanto Rabassa apenas transcreve o nome do lugar. A tradutora demonstra preocupação com o leitor de língua inglesa e o alerta de que o texto foi produzido inicialmente em outra língua.

## Exemplo 2

*Quincas Borba*, Capítulo 175,

... Desculpam-se; dizem que os gabinetes já vêm organizados de São Cristovão ... Ah! eu quisera falar ao Imperador! (MACHADO DE ASSIS, p. 172)

... They excuse themselves by saying that the cabinets are formed in São Christovão\*— Ah! I'd like to speak to the Emperor!"

*\*Translator's Note: São Christovão is the name of the district in Rio de Janeiro where Emperor Don Pedro II lived (WILSON, 1954, p. 228).*

... They excuse themselves, say that cabinets come all set up from São Cristóvão ... Oh, if I could only speak to the Emperor!" (RABASSA, 1998, p. 242).

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, os três tradutores deixam a palavra “contos” em português ao invés de traduzi-lo. Ellis adiciona uma nota de rodapé para atualizar a unidade monetária em benefício direto do leitor britânico, em particular, já que a moeda mencionada é a libra esterlina. Grossman não usa nenhuma marca tipográfica para alertar o uso da palavra estrangeira. Tanto Ellis quanto Rabassa utilizam itálico. Grossman e Rabassa removem a expressão “de réis”.

### Exemplo 3

*Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 17,

... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis ... (MACHADO DE ASSIS, p. 36)

... Marcella loved me for fifteen months and eleven contos ... (GROSSMAN, 1952, p. 55)

... Marcela loved me during fifteen months and eleven contos de reis (\*) ... (\*) Say, £1250 (Ellis, 1955, p. 60)

... Marcela loved me for fifteen months and eleven contos ... (RABASSA, 1997, p. 38)

Na introdução a sua tradução de *Epitaph of a small winner*, Grossman (1952, p. 14) evidencia de forma explícita o leitor que tem em mente, pois ele faz referência à moeda americana e atualiza o valor: “a conto [ ...] as the equivalent of about five hundred dollars”. Um conto seria o equivalente a quinhentos dólares.

Nesse caso, a voz do narrador do texto de partida não é a única que chega ao novo leitor, considerando que a voz do tradutor está presente na nota de rodapé que localiza o leitor anglo-americano tanto no tempo quanto no espaço.

O segundo caso sugerido por Theo Hermans envolve referências relacionadas à própria língua e diz respeito às várias instâncias que exemplificam a intraduzibilidade linguística.

Em *Quincas Borba*, a referência à Lei brasileira formulada para beneficiar os escravos foi traduzida da seguinte forma:

## Exemplo 4

*Quincas Borba*, Capítulo 192,

... leis dos ingênuos ... (MACHADO DE ASSIS, p. 186)

... the law of the “free womb,”\* ...

*\*Translator’s Note: A law passed in 1871 enfranchising children born of slave mothers (WILSON, 1954, p. 249)*

... the law freeing the children born to slaves, ... (RABASSA, 1998, p. 264)

Wilson acrescenta uma nota de rodapé que oferece mais detalhes sobre a lei brasileira, mas a tradutora descreve ao invés de transcrever a palavra. Rabassa remove o nome da lei, mas ele a explica no corpo do texto. Com relação às notas de rodapé, Rabassa, em uma entrevista que me concedeu, em Nova Iorque, no dia 12 de setembro de 2001, destacou que embora o editor da editora da Universidade de Oxford, a *Oxford University Press*, quisesse que ele adicionasse notas de rodapé, ele optou por não acrescentar nenhuma. Ele disse que não gosta de notas de rodapé em romances porque elas atrapalham a leitura fluente e natural de uma obra de ficção e também tiram o leitor do texto (“they take you away from the novel”). Entretanto, na tradução de Rabassa aparecem cinco notas de rodapé atribuídas ao editor.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 59, os três tradutores adotam estratégias diferentes na tradução do termo “angu”. De acordo com Fish (1978:, p. 74; 78), angu é um alimento feito de milho, mandioca ou arroz, sal e água (“a cooked dish made with corn, manioc or rice flour, salt, and water”). De modo semelhante, o *Dicionário Aurélio* apresenta a seguinte definição: “massa consistente de farinha de milho (fubá), de mandioca, ou de arroz, com água e sal, escaldada ao fogo. [Cf. polenta.]”.

Enquanto Grossman descreve o termo “angu” como produto feito de farinha de milho (“a corn meal dish”), Ellis deixa a palavra em português, em itálico, e Rabassa o descreve como um produto feito de farinha de mandioca (“being made with manioc flour”). Com relação à unidade monetária “vinténs” tanto Ellis quanto Rabassa mantêm o nome da moeda brasileira, enquanto Grossman a traduz como “cents” evidenciando explicitamente o leitor anglo-americano.

## Exemplo 5

*Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 59,

... dinheiro sim, porque é necessário comer, e as casas de pasto não fiam. Nem as quitadeiras. Uma coisa de nada, uns dois vinténs de angu, nem isso fiam as malditas quitadeiras ... (MACHADO DE ASSIS, p. 75)

... money; and I want it only because I have to eat and the restaurants don’t give credit. Neither do the food vendors in the streets. Almost nothing, just two cents’ worth of corn meal, and the damned peddlers won’t even trust me for that ... (GROSSMAN, 1952, p. 116)

... money, yes, for I need to eat and the eating houses do not give credit, nor the restaurants, nor the shops - a miserable nothing, two *vintens of angú*, and even then they won't give credit, the cursed shopkeepers ... (ELLIS, 1955, p. 146)

... money, yes, because I have to eat and eating-places don't give credit, greengrocers either. A nothing, two *vinténs* worth of *manioc cake*, the damned greengrocers won't even trust you for that ... (RABASSA, 1997, p. 96)

## Exemplo 6

Em *Quincas Borba*, os dois tradutores adotam estratégias diferentes para traduzir o nome de uma árvore, “casuarina”. Enquanto Wilson deixa o nome em português sem adicionar informações, Rabassa prefere o nome de uma árvore mais familiar ao leitor anglo-americano, isto é, “oak”.

## Exemplo 7

*Quincas Borba*, Capítulo 122,

... As casuarinas ... a linguagem nupcial das casuarinas. (MACHADO DE ASSIS, p. 131)

... Some *casuarina* trees ... the nuptial language of *casuarina* trees. (WILSON, 1954, p. 172)

... The oaks ... the nuptial language of oak trees. (RABASSA, 1998, p. 180)

Em outro trecho de *Quincas Borba*, Wilson elabora uma nota de rodapé para destacar que “pitanga” se refere à fruta da “pitangueira”. Entretanto, ela não fornece maiores detalhes sobre essa árvore ou fruta brasileira, que já está dicionarizada (Cf. dicionário *Webster's*, p.1724). Rabassa substitui a fruta por outra (“cherry”).

## Exemplo 8

*Quincas Borba*, Capítulo 120,

— Teófilo foi o primeiro que descobriu; ela dizendo-se-lhe isto, ficou como uma pitanga. (MACHADO DE ASSIS, p. 130)

“Theophilo was the one who first found out. When she told him she turned red as a *pitanga*”\*

\*The fruit of the *pitangueira*. (*Translator's Note*.) (WILSON, 1954, p. 170)

“Teófilo was the first to spot it. When it was mentioned to her, she turned cherry red” (RABASSA, 1998, p. 179)

Uma particularidade da língua portuguesa, relacionada ao uso do sufixo “-inho” tende a causar problemas para os tradutores de língua inglesa. De acordo com Rocha Lima (1987, p. 80-3) e André (1978, p. 117-9), esse mecanismo linguístico é acrescentado ao substantivo e ao adjetivo para

expressar afeição, carinho ou respeito. O uso mais comum do sufixo é para expressar carinho, familiaridade ou ironia. De modo geral, os tradutores tendem a substituir o sufixo “-inho” com palavras tais como “small” ou “little” para compensar as diferenças entre a língua portuguesa e a inglesa. Os tradutores acrescentam notas de rodapé para evidenciar a questão do diminutivo. Por exemplo, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 29, Grossman substitui o sufixo pelo termo “little”, enquanto Ellis alerta o leitor anglo-americano sobre o uso do sufixo em nota de rodapé. Rabassa apenas transcreve o termo. É interessante ressaltar também o equívoco na tradução de Ellis, que preserva o travessão para indicar diálogos (discurso direto), uma vez que esse procedimento é contrário às normas da língua inglesa. Essa opção pode, por exemplo, causar estranhamento ao leitor dessa língua e indicar que o texto não foi produzido originalmente nessa língua.

## Exemplo 9

*Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 29,

— Ora, o Brazinho! (MACHADO DE ASSIS, p. 51)

“Well now, little Braz! (GROSSMAN, 1952, p. 79)

— Look at him, the Brazinho! (\*)

(\*) “inho” – diminutive of affection. (ELLIS, 1955, p. 93)

“Just look at you, Brazinho!” (RABASSA, 1997, p. 59)

## Exemplo 10

O título do Capítulo 99 de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, “Na platéia”, é traduzido como “In the Pit”, “The Platea” e “In the Orchestra”, respectivamente (MACHADO DE ASSIS, p. 106; GROSSMAN, p. 166; ELLIS, p. 218; RABASSA, p. 144). Grossman e Rabassa escolhem palavras da língua inglesa. Ellis decide por “platea”.

Magalhães Junior (1958, p. 256) destacou que, “em certas ocasiões, vê-se que Ellis quer transmitir ao leitor um sabor de coisa exótica, que não estava nos intuitos do autor” como se “platéia” fosse intraduzível ou não existisse alternativa equivalente em inglês. Apesar de haver uma palavra em inglês para “platéia”, conforme as traduções de Grossman e Rabassa indicam, Ellis faz uma escolha não necessária do ponto de vista da intraduzibilidade linguística.

## Exemplo 11

Nesse mesmo romance, no Capítulo 12, há outro exemplo em que também não há necessidade aparente em transcrever palavras da língua portuguesa no texto traduzido. Note-se que Grossman substitui o itálico por aspas. Pela decisão de Ellis, o leitor percebe explicitamente a presença de uma outra voz, a do tradutor.



Os tradutores apresentam as seguintes traduções:

... de *tirano* e de *usurpador* (MACHADO DE ASSIS, p. 29)

... “tyrant” and “usurper” (GROSSMAN, 1952, p. 45)

... *tyranno* and *usurpador* (ELLIS, 1955, p. 45)

... *tyrant* and *usurper* (RABASSA, 1997, p. 29)

Conforme mencionado anteriormente, o terceiro caso descrito por Theo Hermans refere-se às ocasiões em que um dado termo foi empregado em contexto específico e o seu significado está atrelado a esse contexto. Assim, o tradutor não tem muita opção nas suas escolhas.

Em *Quincas Borba*, Capítulo 159, por exemplo, a ironia é bem visível na seleção lexical, e particularmente na palavra “palha”. Wilson insere uma nota de rodapé que tem função importante no sentido de ajudar o novo leitor do texto traduzido a captar o significado do termo no texto, naquele contexto em particular. A palavra “Palha” se refere tanto ao sobrenome do marido de Sofia, Cristiano Palha quanto à cor do vestido que ela está usando numa festa. Essa palavra também parece ter sido usada para compor um jogo de palavras para representar o fraco caráter de Cristiano Palha. Essa questão também é mencionada em nota de rodapé (nota do editor), em *Quincas Borba* publicada pela editora Ática (1980, p. 159): “... lembrança deste senhor: o trocadilho feito com o nome de Palha, revela a ambiguidade deste nome, pois a cor de palha é pálida e a própria palha é fraca. Seria uma alusão ao caráter frágil de Cristiano Palha. (N. E.)”.

## Exemplo 12

*Quincas Borba*, Capítulo 159,

... Sofia ... o vestido sublimava admiravelmente a gentileza do busto, o estreito da cintura e o relevo delicado das cadeiras; — era *foulard*, cor de palha.

— Cor de *palha*, acentuou Sofia rindo, quando Dona Fernanda o elogiou, pouco depois de entrar; cor de *palha*, como uma lembrança deste senhor. (MACHADO DE ASSIS, p. 159)

... Sophia ... her frock attractively emphasized the contours of her bust, the slenderness of her waist, and the graceful outline of her hips; - it was of straw-coloured foulard.

When Dona Fernanda admired it, shortly after her arrival, Sophia laughingly stressed the word straw\* — “straw-coloured as a memento of that gentleman.”

\*The Portuguese word for straw is *palha*. (WILSON, 1954, p. 210)

... Sofia ... Her dress admirably enhanced the grace of her bustline, her narrow waist, and the delicate curve of her hips. It was foulard, straw-colored.

“The color of straw, *palha*,” Sofia stressed, laughing, when Dona Fernanda praised it soon after coming in. “Straw, *palha*, to make me think of this gentleman.” (RABASSA, 1998, p. 222)

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 34, Brás refere-se à “coxa de Diana”. Esta referência está ligada à garota coxa, Eugênia (Capítulo 32), que poderia ter se tornado a noiva de Brás não fosse ela coxa. Grossman destaca a relação entre os dois capítulos do romance na informação que acrescenta entre colchetes no corpo do texto. Esse acréscimo alerta o leitor de língua inglesa de que ele está lendo um texto produzido originalmente em outra língua.

## Exemplo 13

*Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 34,

... Pela coxa de Diana! ... (MACHADO DE ASSIS, p. 55)

... By Diana's thigh! [The Portuguese word for *thigh* is also the feminine form of *lame*.] ... (GROSSMAN, 1952, p. 86)

... By Diana's thigh! ... (ELLIS, 1955, p. 103)

... By Diana's thigh, ... (RABASSA, 1997, p. 66)

Em outro trecho de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Grossman mantém a preferência de Machado de Assis pela língua francesa, enquanto Ellis e Rabassa escolhem uma palavra da língua inglesa. Ellis elabora uma nota de rodapé para explicar o sobrenome “Cubas”, enquanto Rabassa insere a informação na narrativa. Para resolver o mesmo problema, os três tradutores adotam estratégias diferentes, implicando diferentes graus de visibilidade. Grossman mantém o texto de acordo com o de Machado de Assis. Já, Ellis explicita uma estratégia mais voltada para o leitor da cultura de chegada. Rabassa se insere de forma mais velada, quer dizer, seu leitor não percebe a sua inserção na narrativa. Essa inserção é perceptível apenas no momento da comparação das múltiplas traduções (ao pesquisador).

## Exemplo 14

*Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 3,

Como este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto do Damião ... escapou à tanoaria nas asas de um calembour. (MACHADO DE ASSIS, p. 15)

As this name Cubas reeked excessively of the cooper's shop, my father, Damião's great-grandson ... he escaped from the cooper's shop on the wings of a calembour. (GROSSMAN, 1952, p. 22)

As this name Cubas (\*) carried with it an overpowering odour of his workshop, my father, great grandson of the said Damião ... he escaped from the cooper's workshop on the wings of a pun.

(\*) Cubas: Portug. – a barrel or vat; Braz. – a notability, swell. (ELLIS, 1955, p. 14)

Since the surname Cubas, meaning kegs, smelled too much of cooperage, my father, Damião's great-grandson ... he flew out of the cooperage on the wings of a pun. (RABASSA, 1997, p. 10)

Em outro Capítulo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em um trecho que trata do professor e seus alunos, a palavra “barata”, que é o sobrenome do professor Ludgero, que morava na Rua do Piolho, é apresentada de forma diferente nas três traduções.

## Exemplo 15

*Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo 13,

Chamava-se Ludgero o mestre; quero escrever-lhe o nome todo nesta página: Ludgero Barata, – um nome funesto... Um de nós, o Quincas Borba, esse então era cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças, –umas largas de enfiar, – ...uma barata morta... (MACHADO DE ASSIS, p.31-2)

You were known as Ludgero the Schoolmaster, but I want to write your full name on this page: Ludgero Barata [cockroach] – an unfortunate name... one of us, Quincas Borba, used to be cruel to the poor man. Two or three times a week, he placed a dead cockroach in the schoolmaster's trouser pocket... (GROSSMAN, 1952, p.48-9)

This master was called Ludgero; I should like to write the name in full on this page: Ludgero Barata, – a most unfortunate name... One of our numbers, Quincas Borba by name, was really cruel to the poor old man. Two or three times a week, he would leave in his trouser's pocket – good, ample trousers –... a dead barata\*

Translator's note: (\*) cockroach. (ELLIS, 1955, p.50)

The teacher's name was Ludgero. Let me write his full name on this page: Ludgero Barata – a disastrous name whose second part means cockroach... One of us, Quincas Borba, was cruel to the poor man at that time. Two or three times a week, he would put a dead roach into his pants pocket - wide trousers tied with a cord-... (RABASSA, 1997, p.32)

Grossman traduz o sobrenome do professor como “*cockroach*” (barata em inglês) e o coloca entre colchetes. Ellis não traduz a palavra neste momento do texto, somente mais tarde quando o professor encontra uma barata morta no bolso da calça; o tradutor acrescenta, então, uma nota de rodapé para explicar que “barata” é o mesmo que “cockroach” em inglês. Rabassa faz uma paráfrase do significado do termo no texto sem deixar ao leitor marcas facilmente rastreáveis de sua presença enquanto tradutor. Grossman e Ellis inserem-se na narrativa de modo diverso, evidenciando presença de forma explícita. É interessante ressaltar que, quando o tradutor fornece uma explicação no corpo do texto e o leitor dispõe de apenas uma das traduções, ele poderá não notar a presença do tradutor de forma explícita.

## Considerações finais

Neste estudo foram abordadas as múltiplas traduções para o inglês de dois romances de Machado de Assis. Foram examinadas as três traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1952, 1955, 1997) e as duas de *Quincas Borba* (1954 e 1998) a partir da ideia de que a voz do tradutor está sempre presente na narrativa traduzida enquanto uma co-produtora do discurso. Essa narrativa sempre implica mais de uma voz, mais de uma presença discursiva e com vários graus de visibilidade. Na verdade, essas novas vozes, a do tradutor e a dos outros agentes institucionais tendem a se dirigir ao novo leitor, o anglo-americano.

Os trechos específicos selecionados das múltiplas traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e de *Quincas Borba* demonstram aspectos da presença discursiva do tradutor de acordo com os três casos apresentados por Hermans e servem, também, para ilustrar a tendência geral das ocorrências em todo o texto traduzido.

Todas as narrativas traduzidas analisadas tendem a revelar a presença de outra voz (tradutor) e o grau de visibilidade de sua presença tende a estar atrelado tanto às estratégias de tradução adotadas quanto à consistência com que elas foram empregadas nas traduções dos dois romances machadianos para novos sistemas literários (o britânico e o norte-americano). Os tradutores tendem a intervir na situação discursiva para ajustar os deslocamentos linguísticos, geográficos ou temporais decorrentes da tradução já que, conforme a regra, um texto traduzido tende a se dirigir a um público diferente daquele previsto para o texto de partida.

De modo geral, pode-se destacar que os tradutores tendem a adicionar, explicar ou substituir palavras ou expressões dependendo da importância delas. Se o tradutor, por exemplo, adiciona informação ao texto é bem provável que seja na forma de notas de rodapé, palavras, frases ou expressões explicativas no corpo da narrativa. Em geral, Grossman, Ellis e Wilson se fazem mais visíveis ao público leitor anglo-americano do que Rabassa, já que adicionam notas de rodapé, enquanto Rabassa prefere acrescentar informação no corpo do texto sem alertar o leitor de língua inglesa para esse fato. Com esses acréscimos, o texto das traduções é ampliado de uma forma ou de outra e difere de diferentes maneiras do texto de partida (do de Machado de Assis).

Com relação às notas de rodapé, nas traduções de Grossman, Ellis e Wilson a “outra voz” é muito mais perceptível e frequente do que na tradução de Rabassa. Em outras palavras, os três primeiros tradutores fornecem mais informação a fim de garantir comunicação adequada com o novo público, já que a narrativa traduzida opera em novo contexto pragmático, consequência do ato da tradução. Entretanto, em função dos textos serem culturalmente marcados, eles requerem uma referência e essas questões culturais são compartilhadas entre o tradutor e o novo leitor de forma a funcionar como um veículo de comunicação adequado.

Em geral, os tradutores atuam como mediadores entre os dois sistemas literários e tentam, quase sempre, explicitamente, minimizar as diferenças (culturais, linguísticas, geográficas, temporais) que poderiam, muito provavelmente, causar alguma dificuldade ao leitor de língua inglesa.

Considerando apenas uma língua de chegada, a inglesa, neste estudo, fica aparente que as diferenças (modificações/alterações) entre as múltiplas traduções podem/devem ser vistas como um produto da leitura de cada tradutor. Essas variações permitem uma reflexão sobre o texto de partida não como um texto acabado, mas como uma gama de possibilidades, isto é, uma opção materializada dentre várias, revelando como um dado texto está aberto a interpretações diversas. Diferentes leituras originadas não apenas de interpretações diferentes, mas também a elaboração de novas obras, isto é, as traduções de diferentes tradutores.

Os dados examinados produzidos em diferentes períodos de tempo permitem uma análise comparativa que demonstra como diferentes tradutores fazem diferentes escolhas para elaborar um texto pertencente inicialmente a outra cultura para novos leitores. As estratégias em geral (em graus mais ou menos explícitos) revelam uma acomodação textual que beneficia as expectativas do leitor de língua inglesa. Entretanto, considerando as traduções examinadas no todo, pode-se dizer que as estratégias são mais orientadas para o texto/cultura de partida (as normas e modelos que orientam as escolhas; as prioridades que orientam o comportamento do tradutor).

## Referências

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. **Gramática ilustrada**. 2. ed. Rev. aum. São Paulo: Moderna, 1978.

FISH, Warren R.. Changing food use patterns in Brazil. **Luso-Brazilian Review**, n. 15, p. 69-89, 1978.

GROSSMAN, William. Introdução. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Epitaph of a small winner**. Tradução de William L. Grossman. New York: The Noonday Press, 1952, p.11-14.

HERMANS, Theo. The translator's voice in translated narrative. **Target**, v.8, n.1, p.23-48, 1996.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1984.

\_\_\_\_\_. **The posthumous memoirs of Brás Cubas**. Tradução de William L. Grossman São Paulo: São Paulo Editores, 1951.

\_\_\_\_\_. **Epitaph of a small winner**. Tradução de William L. Grossman. New York: The Noonday Press, 1952.

\_\_\_\_\_. **Epitaph of a small winner**. Tradução de William L. Grossman. London: W. H. Allen, 1953.

\_\_\_\_\_. **Posthumous reminiscences of Brás Cubas**. Tradução de E. Percy Ellis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

\_\_\_\_\_. **The posthumous memoirs of Brás Cubas**. Tradução de Gregory Rabassa. New York and Oxford: Oxford University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Epitaph of a small winner.** Tradução de William L. Grossman. London: Bloomsbury, 1997. (paperback)

\_\_\_\_\_. **Quincas Borba.** São Paulo: Ática, 1980.

\_\_\_\_\_. **The heritage of Quincas Borba.** Tradução de Clotilde Wilson. New York and London: W. H. Allen, 1954.

\_\_\_\_\_. **Philosopher or dog?.** Tradução de Clotilde Wilson. London: Bloomsbury, 1997. (paperback)

\_\_\_\_\_. **Quincas Borba.** Tradução de Gregory Rabassa. New York and Oxford: Oxford University Press, 1998.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **Ao redor de Machado de Assis.** Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1958.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. CD-ROM.

RABASSA, Gregory. As traduções de romances de Machado de Assis. Entrevistadora: Válmi Hatje-Faggion. Nova Iorque, Estados Unidos. 2001. 02 cassetes sonoros (60 min.). Entrevista concedida à pesquisa **The translator's discursive presence in translated discourse: Machado de Assis' five novels in multiple English translations.**

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

VANDERAUWERA, Ria. **Dutch novels translated into English.** Amsterdam: Rodopi, 1985.

WEBSTER'S THIRD NEW INTERNATIONAL DICTIONARY. Cologne, Germany: Könnemann, 1993.